

Revista
Latino-americana de

*Ge*ografia *e* Gênero

Volume 16, número 1 (2025)
ISSN: 2177-2886

Artigo

As Abordagens Temáticas e Conceituais sobre Mulheres Negras na Produção de Artigos na Geografia Brasileira

*Los Enfoques Temáticos y Conceptuales sobre las
Mujeres Negras en la Producción de Artículos de la
Geografía Brasileña*

*Thematic and Conceptual Approaches to Black
Women in the Production of Articles in Brazilian
Geography*

Adir Fellipe Silva Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
adirfellipe@gmail.com

Amanda Ribeiro Bezerra

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
amandaribeirob@hotmail.com

Felipe Eduardo Melo dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil
geo.femds@gmail.com

Como citar este artigo:

SANTOS, Adir Fellipe Silva; BEZERRA, Amanda Ribeiro; SANTOS, Felipe Eduardo Melo dos. As Abordagens Temáticas e Conceituais sobre Mulheres Negras na Produção de Artigos na Geografia Brasileira. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 16, n. 1, p. 148-171, 2025. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

As Abordagens Temáticas e Conceituais sobre Mulheres Negras na Produção de Artigos na Geografia Brasileira

Los Enfoques Temáticos y Conceptuales sobre las Mujeres Negras en la Producción de Artículos de la Geografía Brasileña

Thematic and Conceptual Approaches to Black Women in the Production of Articles in Brazilian Geography

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender as abordagens temáticas e conceituais sobre mulheres negras na produção de artigos científicos nos periódicos da geografia brasileira. Entendemos que o fazer científico geográfico é transpassado por geometrias de saber e poder que invisibilizam vivências e discursos e que abafam e afastam produções científicas que exploram temas marginais, o que tem sido cada vez mais criticado e denunciado a partir de produções geográficas feministas, decoloniais e subversivas, que têm colocado em evidência indivíduos e grupos não hegemônicos. Desta forma, realizamos um levantamento de dados sobre as produções científicas geográficas brasileiras sobre mulheres negras utilizando o Observatório da Geografia Brasileira, pesquisando as palavras-chave “mulheres negras”, “geografias negras” e “feminismo negro”. Entre as informações encontradas, a geografia brasileira produziu 23 artigos sobre essa temática, tendo como marco inicial o ano de 2008. Temos como destaque temático a discussão em torno das questões raciais e de gênero, evidenciando principalmente as relações de poder de uma forma interseccional. Consideramos que o debate sobre as mulheres negras tem sido crescente nos últimos anos, mas ainda carece de discussões, relacionado ao silenciamento do debate na geografia brasileira. Todavia, as denúncias das relações de poder de gênero e raça, que ganham destaque nessas produções, demonstram o viés comprometido com uma nova ciência geográfica.

Palavras-Chave: Feminismo negro; Geografias negras; Epistemologia; Produção científica.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo comprender los enfoques temáticos y conceptuales sobre las mujeres negras en la producción de artículos científicos en revistas brasileñas de geografía. Entendemos que la geografía científica está permeada por geometrias de saber y poder que invisibilizan experiencias y discursos y que ahogan y distancian las producciones científicas que exploran temas marginales, pero que han sido crecientemente criticadas y denunciadas por producciones geográficas feministas, decoloniales y subversivas que han destacado a individuos y grupos no hegemónicos. Realizamos un relevamiento de datos de las producciones geográficas científicas brasileñas sobre mujeres negras a partir del Observatorio de Geografía Brasileña, utilizando las palabras clave “mujeres negras”, “geografias negras” y “feminismo negro”. Entre las informaciones encontradas, la geografía brasileña ha producido 23 artículos sobre el tema, con el año de 2008 como punto de partida. Nuestro destaque temático es la discusión en torno a las cuestiones raciales y de género, destacando principalmente las relaciones de poder de forma interseccional. Creemos que el debate sobre las mujeres negras creció en los últimos años, pero aún carece de discusión, debido a su silenciamento en la geografía brasileña. Sin embargo, las denuncias de las relaciones de poder de género y raza, enfatizadas en estos trabajos, demuestran que apuestan por una nueva ciencia geográfica.

Palabras-Clave: Feminismo negro; Geografias negras; Epistemología; Producción científica.

Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos

Abstract

This paper focuses on understanding the thematic and conceptual approaches to black women in the production of scientific articles in Brazilian geography journals. We understand that scientific geography is permeated by geometries of knowledge and power that make experiences and discourses invisible and that stifle and alienate scientific productions that explore marginal themes. However, this has been increasingly criticized and denounced by feminist, decolonial and subversive geographic productions that have highlighted non-hegemonic individuals and groups. Therefore, we surveyed data found in Brazilian scientific geographic productions on black women using the Observatory of Brazilian Geography, by searching for the keywords “black women”, “black geographies” and “black feminism”. Among the information found, Brazilian geography has produced 23 articles on this subject, from 2008 onwards. Our thematic highlight is the discussion around racial and gender issues, mainly emphasizing power relations in an intersectional way. We believe that the debate on black women has been growing in recent years, but still lacks discussion for being silenced in Brazilian geography. However, the denunciations of gender and race power relations, which are highlighted in these works, demonstrate some commitment to a new geographical science.

Keywords: Black feminism; Black geographies; Epistemology; Scientific production.

Introdução

A presença da discussão de raça e gênero ainda é considerada um tema subalterno (Silva *et al.*, 2023) e, por haver na geografia uma resistência à inserção dessas discussões em pesquisas e produções científicas (Rodó-de-Zárate, 2021), nos questionamos sobre como a mulher negra tem sido pesquisada enquanto sujeita. Desse modo, buscamos compreender como ocorreram as abordagens temáticas e conceituais sobre mulheres negras na produção de artigos científicos nos periódicos da geografia brasileira.

Atualmente, o campo das geografias negras, feministas, das sexualidades, subversivas, decolonial etc. no Brasil explora um arcabouço teórico e metodológico que rompe com o modelo epistemológico hegemônico, utilizando teorias que possibilitam dar vozes a sujeitos/as e grupos sociais por muito tempo silenciados ou ausentes. A abordagem de gênero e raça, desse modo, além das demais teorias, como das sexualidades e decolonialidade, enfrentam a chamada geopolítica do conhecimento, que tem definido o fazer científico geográfico não somente na escala internacional, mas também na nacional (Silva *et al.*, 2023).

Assim, o debate sobre as mulheres negras na geografia brasileira é pouco explorado. Nesse sentido, dividimos a metodologia a partir de dois caminhos: o levantamento bibliográfico e documental sobre como a ciência geográfica tem sido feita ao longo dos anos no Brasil e o levantamento de produções científicas em periódicos da geografia brasileira. O primeiro passo revela a reprodução das tradições geográficas sobre o fazer ciência e como pesquisadores e pesquisadoras têm se empenhado na quebra do discurso hegemônico a partir das geografias feministas, decoloniais, subversivas e das sexualidades, como visto nos trabalhos de Massey (1993; 2000), Silva (2003; 2009a; 2009b), Veleda da Silva (2016), Pinto (2017) e Cesar (2019), por exemplo.

O segundo passo buscou entender como a geografia tem trabalhado com a

Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos

temática, realizando o levantamento de dados no Observatório da Geografia Brasileira (OGB)¹ a partir das palavras-chave: mulheres negras, geografias negras e feminismo negro. A escolha do OGB para o levantamento dos artigos se deu pelo fato de ser um banco de dados onde estão catalogados os artigos publicados em periódicos da geografia brasileira, que compreende o período de 1939 a 2021, abrangendo, desta forma, a maior parte e a história da produção geográfica do país.

A partir do levantamento inicial, priorizamos os trabalhos que continham os termos nas palavras-chaves, no título ou no resumo. Tivemos como retorno um total de apenas 23 artigos, em um conjunto de 31.503 artigos catalogados, demonstrando que ainda é recente e carece o número de pesquisas sobre mulheres negras pela geografia. Esses artigos, distribuídos em 98 periódicos geográficos compreendidos nos anos de 1939 a 2021, também revelam que a tradição do que é ciência e os temas a serem pesquisados impactam em todos os estratos, confirmando que não apenas há uma marginalização dessas temáticas, como afirmam Cesar e Silva (2021), mas também uma reprodução das hegemonias de poder e do saber (Rodó-de-Zárate, 2021).

Os 23 artigos levantados foram analisados por meio da elaboração de planilhas, evidenciando as autorias, procedência institucional, ano de publicação e gênero. Outro procedimento foi a análise de redes sociais, a partir das palavras-chave. A análise de redes sociais consiste em evidenciar as palavras e as conexões entre elas, produzindo sentido nos discursos, na qual podemos identificar as temáticas e conceitos evidenciados (Silva; Silva, 2016). Essa análise consistiu na separação das palavras-chave dos artigos, que foram posteriormente padronizadas pelo software OpenRefine². Por fim, foram elaboradas as redes semânticas pelo software Gephi³, que permitiram sustentar os argumentos sobre as temáticas e conceitos abordados.

A rede inicial obtida (Figura 1) é uma rede bimodal, ou seja, dois modos (artigos e palavras-chave). Essa rede inicial é composta por 86 nós, representados em vermelho (palavras-chave) e azul (artigos) e 101 arestas, que são as ligações dos nós. Essa rede está distribuída pelo *layout Force Atlas 2*⁴, dimensionadas por centralidade de grau⁵ e coloridos por partição⁶. Essa rede inicial foi submetida a uma projeção multimodal, gerando a rede unimodal formada apenas pelas palavras-chave (Figura 2). A projeção consiste na supressão dos nós de artigos e o estabelecimento da meta relação das referências entre si. Essa rede unimodal é formada por 64 nós e 183 arestas. A rede está distribuída pelo *layout Force Atlas 2* e os nós são dimensionados por centralidade de grau.

1 O Observatório da Geografia Brasileira (OGB) é um repositório mantido pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE).

2 Disponível em: <http://openrefine.org>. Acesso em: 14 maio 2025.

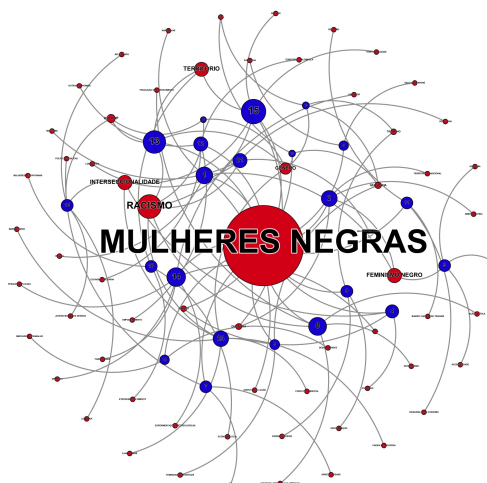
3 Disponível em: <https://gephi.org/>. Acesso em: 14 maio 2025.

4 É uma forma de visualização da rede.

5 Corresponde ao peso do nó conforme as conexões.

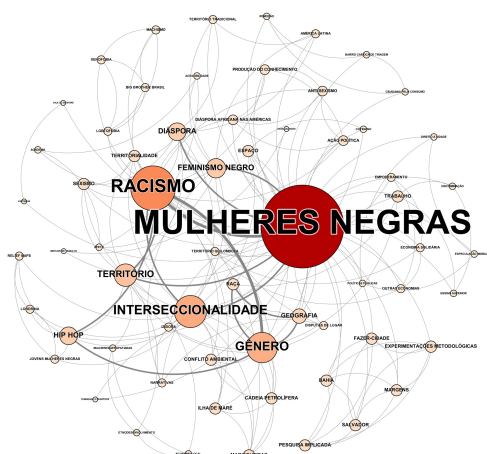
6 Corresponde aos elementos presentes na rede, identificando os nós referente aos artigos e às palavras-chave.

Figura 1 – Grafo de rede bimodal de artigos e palavras-chave de artigos sobre mulheres negras



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

Figura 2 – Grafo de rede unimodal de palavras-chave de artigos sobre mulheres negras



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

A partir da rede unimodal inicial (Figura 2) foram realizadas as explorações topológicas e modular, examinadas no decorrer do artigo, que permitiram a identificação das principais palavras-chave e relacionamentos entre elas.

Buscando superar a invisibilidade do fazer científico que se propõe a ampliar o debate sobre como a mulher negra é abordada pela geografia, apresentamos no próximo tópico um debate sobre a produção científica e as relações de poder no campo das ciências e sobre como a Geografia brasileira tem abordado, pensado e analisado a figura da mulher negra frente às geometrias de poder estabelecidas. Dessa forma, este trabalho está dividido em três seções. A primeira visa o debate com conceitos estruturantes que sustentam o debate da geografia negra e sobre gênero. A segunda seção demonstra a distribuição temporal e por gênero da produção. Por fim, na terceira seção, evidenciamos as temáticas e conceitos dos artigos sobre mulheres negras.

Produção científica e a mulher negra na Geografia brasileira

O campo da produção científica é uma das formas mais acentuadas da produção de poder e imposição do saber. De acordo com o sociólogo Pierre Bourdieu (2004), a pesquisa científica está sob um domínio ideológico que define quais objetos e sujeitos devem ser estudados, quais questões devem ser problematizadas e quais autores/as devem ser buscados para que se considere uma pesquisa relevante ou importante. Essa ação, realizada por pesquisadores que estão iniciando sua jornada acadêmica, ou mesmo por aqueles que já têm uma longa caminhada científica, reproduz um fazer científico que não reconhece subjetividades e existências, como afirma a geógrafa Doreen Massey (1993).

A problemática que levantamos neste tópico envolve como a produção científica geográfica tem tensionado a forma de produzir e divulgar a ciência a partir de posicionamentos que rompem com o modelo eurocêntrico, universal e generalista que considera o sujeito neutro e homogêneo o homem branco, heterossexual e de classe média. Segundo Joseli Silva (2009a), esse modelo epistêmico relegou a um segundo plano questões consideradas minoritárias, como as pautas raciais e de gênero, por exemplo, impactando diretamente nos estudos dos conceitos geográficos.

Abafando saberes, linguagens, signos e códigos heterogêneos em prol de uma universalidade científica e eurocentrada, práticas e narrativas de corpos generificados, racializados e sexuais foram consideradas inferiores, inválidas e sem prestígio científico. Nesse sentido, a não compreensão de marcadores como gênero, raça, etnia, classe social, sexualidade, geração, religião, localização espacial, entre outros, revela que há relações de poder na produção científica geográfica mundial e, conseqüentemente, no Brasil (Massey, 1993; 2000).

Em pesquisa realizada por Tamires Cesar e Joseli Silva (2021) sobre as relações de poder existentes na produção científica geográfica no Brasil, as autoras afirmam que o conhecimento geográfico foi narrado com base em hierarquias e representações simbólicas e conceituais masculinizadas e brancas. Isso impactou diretamente na produção geográfica como um todo, enfatizando não somente um pensamento masculino, mas também invisibilizando mulheres negras nos campos científico e prático das relações cotidianas, tanto como pesquisadoras quanto como pesquisadas.

Essa compreensão também é argumentada nos estudos singulares de Joseli Silva (2003; 2009a; 2009b), Tamires Cesar (2019) e Vagner Pinto (2017), que denunciam como os componentes dessas geometrias de saber/poder invisibilizam vivências e discursos. Tais posições de poder abafam e afastam produções científicas que exploram temas marginais de periódicos de impacto, sendo, por vezes, desconsiderados pela tradição científica geográfica (Silva *et al.*, 2023).

É essa ciência, produzida sob o peso da tradição científica, do poder hegemônico e hierárquico, da dominação do pensamento anglófono centrado em um viés patriarcal, androcêntrico, racista, classista, positivista etc., que dita as regras do que falar ou de quem possui autorização para falar, que

criticamos. Nossa convicção é que o fazer científico geográfico precisa considerar os diversos marcadores sociais e estes precisam ser pensados de forma interligada ou interseccional.

O conceito de interseccionalidade foi popularizado por Kimberlé Crenshaw (1989) para expressar a ideia de que elementos representativos, como raça, classe e gênero por exemplo, se sobrepõem e impactam as identidades sociais por meio dos sistemas de opressão, dominação ou discriminação. Com base nele, María Rodó-de-Zárate (2021) afirma que a Geografia deve considerar os marcadores identitários de forma interseccionada para discutir sobre indivíduos ou coletivos há muito tempo marginalizados, silenciados e/ou ausentes das pesquisas.

Ocultados das compreensões geográficas, os vemos resumidos à compreensão como “moradores das cidades”, cujas identidades são apagadas em prol da generalização dos sujeitos (Silva, 2003). Em razão disso, a partir da década de 1970 iniciam as críticas à produção geográfica (Silva, 2009b), como as de Janice Monk e Susan Hanson (1982), que demonstraram haver uma legitimação teórica na geografia humana que desconsiderava a metade da humanidade, indicando que as mulheres e as discussões de gênero precisavam ser vistas como demandas reais e não mais ignoradas.

O foco nas questões de mulheres, todavia, não envolviam as perspectivas racial/étnica, de classe ou de sexualidade, de modo que os movimentos sociais, dentro e fora da academia, passam a ter papel fundamental para o avanço das ciências sociais e humanas. De acordo com Susana Maria Veleda da Silva (2016), os movimentos feminista e negro contribuíram para o avanço da Geografia ao pressionar para a produção de pesquisas que dessem espaços de fala, diálogo e exposições de demandas de grupos marginalizados e oprimidos, considerando o debate que a interseccionalidade proporciona.

Esse olhar tem sido realizado por autores e autoras que buscam discutir as questões étnico-raciais e de gênero nos diversos campos do conhecimento no país, a exemplo de Sueli Carneiro (2019), Lélia Gonzalez (2018), Joice Berth (2019), Beatriz Nascimento (2019) e Bebel Nepomuceno (2013), na filosofia, antropologia, psicanálise e história, para citar alguns. O debate racial e de gênero demonstra como há uma hegemonia do racismo e do machismo no imaginário social e nas relações sociais concretas, o que leva as mulheres negras a ser as mais afetadas na sociedade.

Lélia Gonzalez (2018), em seus estudos sobre o racismo e sexismo na cultura brasileira, discute sobre como o pensamento social brasileiro e a cultura produzida no país levaram a um mito da democracia racial, que se assenta sobre discursos de que não existem diferenças entre brancos e negros. Porém, em realidade, há a reprodução de preconceitos e estereótipos que definem de forma negativa negros e negras e determinam a eles posições de submissão, de maneira especial, para as mulheres negras.

A autora expõe como as mulheres negras são vistas a partir de três ângulos: o da mulata, que representa a lascívia cujo corpo é objeto de desejo e endeusamento; o da empregada doméstica, que reproduz o ideal de mucama do tempo da escravidão, com prestação de bens e serviços; e o de mãe preta, responsável pela criação e educação, pela maternagem. De todas as formas, Gonzalez (2018) afirma que o racismo exclui, invisibiliza, apaga e silencia o

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**

conhecimento e as contribuições negras e, juntamente ao machismo, trata mulheres negras como objetos, mas não como sujeitas.

Para Gonzalez (2018), a construção de uma resistência negra auxiliou no enfrentamento das dores e humilhações da escravidão como forma de enfrentamento de situações de opressão e, também, como forma de manter a memória africana, modificando saberes, linguagens, crenças e vestimentas, impactando na arte, na literatura e nas ciências. A autora atribui à mãe preta o processo de africanização da cultura brasileira, demonstrando que, para além de vítimas de diversas violências, mulheres negras podem e devem ser vistas como responsáveis pela formação social e cultural do país.

De igual modo, Sueli Carneiro (2019) denuncia como o racismo tem subjugado a capacidade cognitiva da população negra, impondo uma epistemologia universal e controlando saberes, criando dificuldades para que se afirmem enquanto sujeitos dotados de conhecimentos e racionalidades que produzem ciência, processo conhecido como epistemicídio. Segundo a autora, ao oferecer espaços na produção intelectual à população negra, é ofertada a possibilidade de protagonismo, exposição de conhecimentos e experiências diferenciadas.

Em seus textos sobre as mulheres negras na estrutura socioeconômica brasileira, Carneiro (2019) afirma que as diferenças sociais existentes desde o período colonial permanecem no imaginário social, mantendo de forma viva e intacta relações de gênero segundo a cor da pele. Isso relega às mulheres negras experiências históricas diferenciadas quando analisado o discurso sobre a opressão de mulheres e, ainda, os efeitos da opressão de raça sobre a identidade feminina.

Esse posicionamento nos permite compreender que as mulheres negras nunca foram vistas dentro do espectro da “fragilidade feminina”, tampouco como donas de casa que queriam ter acesso ao mercado de trabalho, visto que já faziam parte da população que trabalhava, fosse nas lavouras como escravas ou nas ruas, como vendedoras, prostitutas, lavadeiras etc. Desse modo, a discussão das relações de gênero não pode estar separada dos outros sistemas de opressão, como o racismo.

A desigualdade racial e a influência dos aspectos socioculturais em volta da figura da mulher negra evidenciam como ela é vista de forma subalterna e discriminatória (Berth, 2019), indigna de direitos, carinhos e afetos e habituada a situações de violências e agressões (Carneiro, 2019), questões que estão atreladas ao legado de escravidão e de naturalização do racismo na sociedade (Gonzalez, 2018; Nepomuceno, 2013), utilizados como instrumentos de reprodução de desigualdades e superioridade do branco sobre o negro (Nascimento, 2019).

Na geografia brasileira, o foco na mulher negra e como esta tem sido compreendida levando em consideração marcadores como gênero, raça e etnia, classe, entre outros, em conjunto às discussões socioespaciais, tem ganhado espaço. Nomes como o de Alex Ratts (2016), Geny Guimarães (2020; 2023), Renata Lopes (2008), Lorena Souza (2007), Anita Oliveira (2021), Cíntia Silva (2022), para mencionar alguns, têm se dedicado a contribuir com as tendências geográficas que rompem com o modelo de ciência hegemônica e buscam um diálogo com as interseccionalidades, a partir de temas nas geografias negras,

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**



feministas, das sexualidades, subversivas, decolonial, entre outras.

Em debate sobre as questões da diferença no campo da geografia, Ratts (2016) aponta para a necessidade de estudos e pesquisas que analisem, de modo articulado, questões étnico-raciais, de gênero, classe e sexualidade. Para o autor, apesar dessas temáticas não serem recentes na vertente da geografia crítica, a correlação entre os estudos de raça e de gênero necessitam de reflexão contínua e de maiores esforços de pesquisa, pois colocam em pauta sujeitos e sujeitas historicamente negados, seja nos espaços sociais quanto acadêmicos.

Ratts (2016) destaca que, como o racismo se consolidou no pensamento sociocultural brasileiro estabelecendo uma suposta inferioridade negra, cabe à geografia a abordagem espacial que considere o corpo e a corporeidade como categorias de análise. O autor afirma que a escala do corpo é capaz de demonstrar tanto as experiências individuais como os processos de marginalização e discriminação, de modo que categorias identitárias, a exemplo de raça e gênero, possibilitem esclarecer a dinâmica e as experiências concretas de mulheres negras.

Geny Guimarães (2020; 2023) apresenta em seus textos reflexões sobre como a geografia pode ser pensada de forma crítica, quebrando paradigmas e rompendo com o modelo epistemológico hegemônico. Em suas abordagens, a autora apresenta, por meio de “escrivências”, conceito criado pela escritora Conceição Evaristo para permitir a escritores e escritoras negros/as falarem a partir de suas próprias experiências, observações “desde dentro”, ou seja, metodologias e métodos que, quando aplicados à análise geográfica, permitem perspectivas raciais afirmativas.

Segundo Guimarães (2020), ao possibilitar perspectivas raciais afirmativas, são oferecidos subsídios para retirar a população negra de uma condição de invisibilizados ou, até mesmo, inferiorizados. Quando a ciência geográfica é produzida a partir de um grupo sociorracial que enfrenta e experiencia diferentes problemáticas cotidianas em razão da cor da pele, classe social, gênero, idade, sexualidade, entre outros, é oportunizado o protagonismo ao/a pesquisador/a negro/a e, também, da população negra pesquisada, proporcionando a “construção e transformação da sociedade e consequentemente do espaço geográfico” (Guimarães, 2023, p. 303).

Geny Guimarães (2023) sustenta a necessidade de geografias negras serem feitas partindo da realidade e das próprias existências para a reflexão científica, metodologia que oferece espaços para a contribuição das teorias feministas para pensar a mulher negra na análise e produção do conhecimento. Dessa forma, afirma a autora, poderemos realizar uma quebra com epistemologias hegemônicas e eugenistas, rompendo com a manutenção do racismo na sociedade e academia, naturalizado até os dias atuais.

Estudos como os de Lorena Souza (2007) e Renata Lopes (2008) demonstram como as mulheres negras vivenciam o espaço de forma diferenciada, implicando em práticas espaciais específicas. Ambas as autoras compreendem que marcadores identitários, como gênero, raça e etnia, classes sociais, faixa etária, entre outros, impactam a corporeidade da mulher negra e, por esse motivo, optam pela história de vida como caminho metodológico para oferecer espaços de visibilidade dessas narrativas.

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**



Em sua dissertação, Lorena Souza (2007) analisa a (não) presença da mulher negra em alguns espaços, sejam públicos ou privados, como fruto do processo histórico da colonização, que delimitou espaços e reforçou a segregação social e racial no país. Nesse sentido, a autora aborda a escola como local de trabalho e a atuação de professoras negras para compreender como se configuram as relações raciais e de gênero nesse âmbito espacial e como as práticas profissionais dessas mulheres se tornam fatores de superação das discriminações e de afirmação de seus papéis para a sociedade e para a construção de conhecimentos.

Souza (2007) destaca como a população negra é prejudicada, desde o acesso à educação básica até sua entrada no mercado de trabalho, deparando-se com a desvalorização de sua mão-de-obra e com baixa remuneração. Com a feminização do magistério, ser professora e mulher negra no Brasil significa estar exposta a concepções sexistas sobre o papel das mulheres, mas, também, torna-se espaço de rompimento do que seria o lugar da negra na sociedade, atrelado ao papel de subservientes aos patrões.

De acordo com Souza (2007), a construção de uma identidade negra é cara, visto haver poucas referências positivas sobre raça, questões que influenciam as relações sociais e espaciais das professoras negras na comunidade e nos espaços vividos em suas representações e interpretações sobre o mundo. Por essa razão, a autora afirma que a chegada das mulheres negras ao magistério se apresenta como luta pela continuidade dos estudos, pela ruptura de ideias que inferiorizam a comunidade negra e como afirmação das mulheres negras como possuidoras e transmissoras do saber.

Renata Lopes (2008), em sua dissertação, analisa as trajetórias socioespaciais das trabalhadoras domésticas, relatando as condições dessas mulheres, negras e pobres, e suas trajetórias e percepções sobre a cidade. Seu trabalho busca visibilizar mulheres e realidades marginalizadas não apenas social e espacialmente, mas, também, nas pesquisas geográficas, trazendo um olhar que não as vitimiza, mas oportuniza suas narrativas de modo a apresentá-las como protagonistas de suas histórias.

Anita Oliveira (2021) destaca como as geografias feministas e negras têm contribuído para avanços no campo geográfico, principalmente em relação às mulheres negras, ao refletir sobre a relação corpo-espço. Com base na discussão sobre a cultura do cuidado, marcado por relações de poder racistas e sexistas, a autora evidencia como as relações sociais são desiguais devido a uma resistência ao se pensar o cuidado compartilhado. Utilizando a interseccionalidade dos eixos de opressão, a autora evidencia o papel da mãe negra e das mulheres negras, pobres e periféricas como forma de reconhecer e valorizar suas vivências e espacialidades em um diálogo constante com metodologias que dialogam e escutam essas mulheres.

Todavia, como afirmam Cíntia Silva (2022) e Adir Santos (2022), para muitos autores e autoras esse debate ainda enfrenta resistências na pesquisa geográfica e, por conseguinte, nos espaços de publicação científica, como em periódicos e eventos, o que tem levado geógrafos e geógrafas a realizar estratégias de divulgação de suas pesquisas em revistas científicas de áreas afins. Essa questão demonstra a dificuldade de rompimento com temas considerados clássicos na geografia e como sujeitos e sujeitas têm sido

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**

marginalizados nas análises e produções geográficas. Isso nos leva a refletir sobre como as mulheres negras têm sido interpretadas dentro do campo geográfico e a importância de oportunizar a continuidade desses debates como modo de denunciar o epistemicídio⁷ (Carneiro, 2019).

Caracterização da produção acerca de mulheres negras

Como demonstrado anteriormente, o saber científico, conforme apontado por Joseli Maria Silva (2009b), deve ser compreendido como uma produção humana. Assim, o contexto social contribui nos produtos científicos que apresentamos. Ademais, para essa autora, devemos observar o contexto europeu do surgimento da ciência moderna, haja vista que, a partir disso, temos um processo em que, na busca de aspectos de universalidade, neutralidade e objetividade, criou-se um sujeito universal para se compreender a realidade. Atrelada a essa concepção, a discussão de Pierre Bourdieu (2004) acerca do campo científico indica que um campo não vai ser orientado somente pelo acaso, mas que existem relações de poder que vão organizar e estruturar a maneira como o conhecimento científico é produzido.

Ao perceber os movimentos epistemológicos e as relações de poder que estruturam o campo científico geográfico, vemos que temas e fenômenos foram desconsiderados e negligenciados. Paulo Cesar da Costa Gomes (2009) destaca que a geografia teve temas e fenômenos que foram mais ou menos desenvolvidos; assim, o autor destaca os processos de reavaliação que existiram nesse campo científico:

A cada momento em que correntes ou orientações novas procuraram se impor na geografia, trazendo uma reavaliação do que comporia o conteúdo desta disciplina, elas também se viram forçadas a retrair a trajetória desse conteúdo na história disciplinar, redescobrimo antigos autores poucos valorizados ou ressaltando aspectos que teriam sido negligenciados (Gomes, 2009, p. 17).

Fica evidente, a partir do exposto pelos autores, que a geografia não foi dada para a humanidade como um campo científico pronto e estruturado: existiram e existem escolhas que moldaram e moldam esse fazer. Isso é evidenciado ainda por David Bell (2011) ao questionar “O que foi, terá sido?”, onde vemos o autor refletir a maneira com que a geografia escolheu estruturar seu fazer. Assim, é visto que, como ciência, podemos autorizar um saber que seja produzido negligenciando racialidades, orientações sexuais e identidades de gênero, ou então compreender as especificidades que compõem essas existências e pautar outras geografias.

Ao analisar a produção da geografia brasileira no que diz respeito às racionalidades, o autor Adir Fellipe Silva Santos (2022) destaca que há uma

⁷ A ideia de “epistemicídio”, cunhada por Sueli Carneiro, diz respeito à destruição ou desvalorização sistemática de saberes e formas de conhecimentos de grupos historicamente marginalizados, como os povos originários, africanos e afrodescendentes. Neste artigo, o termo se relaciona à crítica que fazemos à colonialidade do saber e à hegemonia eurocêntrica que marcam a Geografia.

baixa produção na geografia que trata das racialidades. Em seu trabalho, o autor supracitado evidencia que foi a partir dos anos 2000 que essa discussão começou a ser desenvolvida, mas que é, principalmente após 2010 que presenciamos um aumento significativo dessa produção. Ademais, Cíntia Cristina Lisboa da Silva e Lorena Francisco de Souza (2022) evidenciam que há um silenciamento também na intersecção entre racialidade e gênero, pois em seu trabalho as autoras destacam a ausência de discussões críticas acerca de gênero na epistemologia das racialidades. Para as autoras, existiam trabalhos que se colocaram na compreensão de contabilizar o número de mulheres produzindo a partir dessa discussão, mas não que fossem discussões críticas sobre o gênero na epistemologia das racialidades.

Atrelado a essas discussões, Roberto Lobato Corrêa (2020), ao discutir o conceito-chave espaço, apresenta as alterações que existiram na geografia ao utilizar seus conceitos. Assim o autor evidencia que, em determinados momentos, construiu-se a hegemonia de um conceito em detrimento de outro, mas que isso também foi sendo alterado.

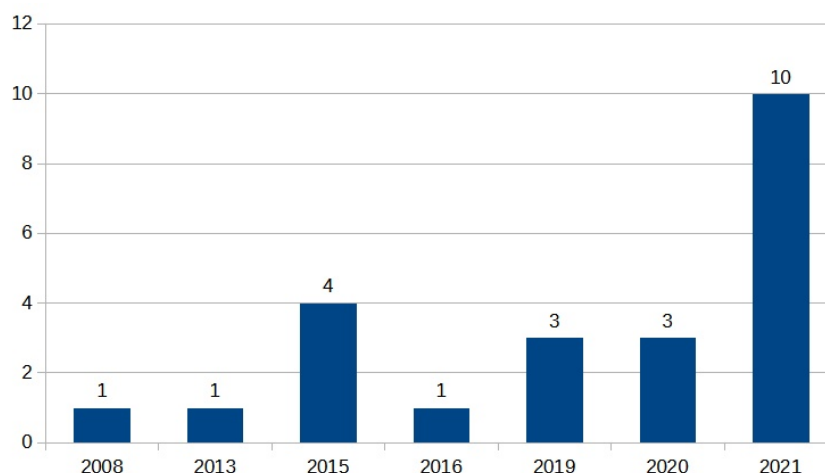
Quando olhamos para geografia brasileira, Vagner André Moraes Pinto (2022), evidencia que políticas do Governo Federal provocaram também mudanças nesse campo científico. Para o autor, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), foi proporcionada a criação de 18 novas Universidades Federais, além de 173 novas instituições. Vale destacar ainda que, segundo o autor, tais mudanças se fizeram a partir do Governo Lula (2007-2010) e Governo Dilma (2011-2014). Ademais, o autor destaca o fortalecimento e aumento do orçamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES).

O autor ainda demonstra que, na mesma medida em que novas Instituições de Ensino Superior (IES) foram criadas, ocorreu a expansão e interiorização dos Programas de Pós-Graduação (PPG) no país. Ocorre assim o rompimento da concentração de PPG na região Sudeste, deixando espaço para outras regiões além do eixo Rio-São Paulo. Assim, o que presenciamos foi uma abertura epistêmica para novas discussões no âmbito da geografia brasileira.

Se por um lado o investimento governamental fez com que novas instituições surgissem, a divulgação dos produtos científicos a partir das revistas eletrônicas também auxiliou no processo de mudança no campo científico. Anteriormente, acessar determinadas discussões ou autores demandaria um esforço maior. Dirce Maria Antunes Suertegaray (2007) destaca que, com as revistas eletrônicas, temos uma nova maneira de comunicação entre os agentes científicos, mas que é também a partir dessa modalidade que a divulgação dos produtos terá uma nova forma de canalização.

Fica evidente que o campo científico geográfico brasileiro não vai se organizar ao acaso e repleto de neutralidade e objetividade, ao contrário; existem relações de poder que vão orientar a maneira como os agentes vão produzir o saber científico e quais temas ou fenômenos serão pautados. Quando observamos a discussão acerca de mulheres negras na geografia brasileira, o Gráfico 1 demonstra a maneira como, temporalmente, essa discussão se iniciou e a quantidade de artigos que foram produzidos.

Gráfico 1 – Temporalidade da produção sobre mulheres negras na geografia brasileira



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

A partir do Gráfico 1 evidenciamos a maneira como a produção acerca de mulheres negras se organizou na geografia brasileira a partir de artigos científicos publicados em periódicos científicos on-line. Foram encontrados 23 artigos produzidos entre os anos de 2008 e 2021. Cabe destacar que os dados, ou seja, os artigos armazenados nesse Banco de Artigos chamado de Observatório da Geografia Brasileira (OGB), são computados a partir do ano de 1939 com a criação da Revista Brasileira de Geografia, que foi a primeira publicada em território nacional.

Se, por um lado, demonstramos que o ano inicial dos dados do OGB se referem a 1939 e o primeiro artigo encontrado sobre essa temática foi no ano de 2008, estamos evidenciando o silenciamento que ocorreu na geografia brasileira. Estamos, a partir do Gráfico 1, visualizando que, por 69 anos, a geografia brasileira não publicou artigos que pautaram as vivências e espacialidades de mulheres negras.

Temos, em 2008, o primeiro artigo que pauta essa discussão na geografia brasileira, recebendo como título "Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação", sendo as autorias de Lorena Francisco de Souza e Alex Ratts. Posterior a esse artigo pioneiro na geografia brasileira, temos em 2013 o segundo artigo encontrado no OGB, intitulado "Da invisibilidade à liderança comunitária: as mulheres *cortamate* do Vale de Patia", tendo como autoria Luis Antonio Rosas Guevara. Posterior a esses artigos, em 2015 encontramos 4 publicações. Já nos anos de 2016, 2019 e 2020, temos respectivamente 1, 3 e 3 desses produtos científicos. O ano de 2021 é responsável por concentrar a maior parte dessa produção, uma vez que somente neste ano foram encontrados 10, dos 23 artigos.

O artigo inicial que aborda a temática aqui em tela tem por objetivo refletir sobre as abordagens da condição da mulher negra na geografia do gênero. Nesse produto científico, Lorena Francisco de Souza e Alex Ratts afirmam que "ao longo da história ocidental, as mulheres negras ocuparam uma posição desfavorável no mercado de trabalho e foram atribuídas a estas espaços sociais demarcados" (Souza; Ratts, 2008, p. 145). No mesmo sentido, essa produção evidencia que, na geografia, tanto gênero quanto raça/etnia devem ser mais

Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe Eduardo Melo dos Santos

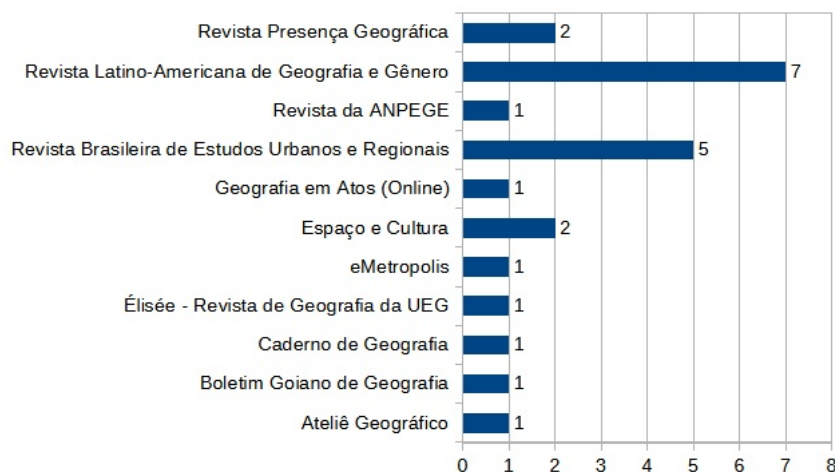


amplamente discutidos. Vemos, ainda, o desenvolvimento da discussão sobre a maneira como a espacialidade de determinados grupos é construída a partir do sentir-se parte, ou do habitado e do estranhamento.

Por sua vez, Luis Antonio Rosas Guevara (2013) coloca sua produção objetivando a visibilidade dos saberes e tradições das mulheres cortamate do Valle do Patía na Colômbia. Nessa produção, o autor destaca o caráter de resistência das mulheres afrocolombianas que ocupam a região do Patía frente às imposições feitas a partir das economias globais. Ademais, vemos ainda a partir do autor que há nesse fazer um resgate histórico da memória dos povos afrodescendentes que ocupam essa região da Colômbia.

Foram essas as produções que iniciaram a abordagem acerca de mulheres negras na geografia brasileira. Se, por sua vez, vemos que a concentração das publicações foi em 2021, é imprescindível rememorar as mudanças que a geografia brasileira sofreu nos últimos 20 anos, conforme os apontamentos da Suertegaray (2007) e de Pinto (2022). Podemos, a partir do gráfico 2, perceber a maneira como os artigos científicos se organizaram nos periódicos on-line.

Gráfico 2 – Distribuição dos artigos científicos em periódicos on-line



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

O gráfico 2 evidencia a maneira como os artigos científicos se organizaram na concentração da publicação nos periódicos. Vale destacar que a geografia conta com 98 periódicos científicos no Sistema Qualis-CAPES, sistema que foi uma maneira encontrada para avaliar as produções, conforme apontado por Rita de Cássia Barradas Barata (2016).

Fica evidente que é na "Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero" que os artigos se concentram. Essa revista conta com 7 dos 23 artigos encontrados. Esse periódico tem por missão a publicação de artigos relacionados a geografia, gênero e sexualidades, conforme informações que constam em seu endereço digital⁸. Por sua vez, a segunda na concentração de artigos é a "Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais", que conta com 5 artigos. Esse periódico é uma publicação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), buscando atividades de ensino e pesquisa no campo de estudos urbanos e

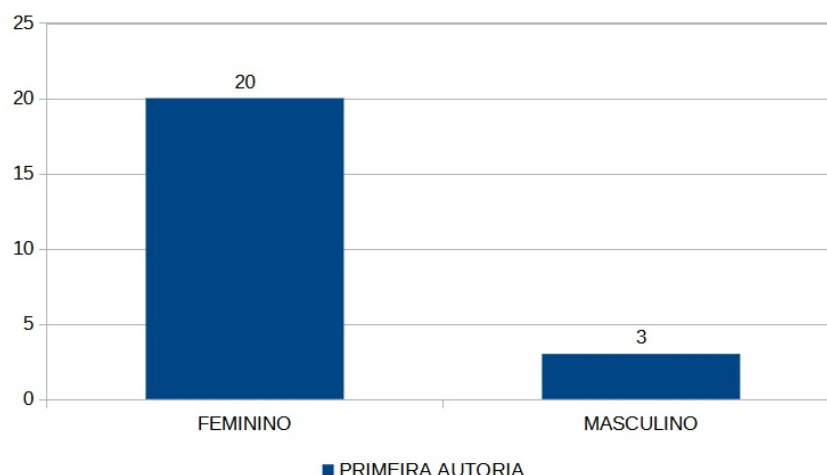
⁸ Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/about>. Acesso em: 14 maio 2025.

As Abordagens Temáticas e Conceituais sobre Mulheres Negras na Produção de Artigos na Geografia Brasileira

regionais, assim como planejamento urbano e regional, conforme indicam em seu *site*⁹.

Na "Revista Presença Geográfica e Espaço e Cultura" foram encontrados 2 artigos em cada. No que concerne os demais artigos, estes se distribuíram na "Revista da ANPEGE", "Geografia em Atos" (on-line), "eMetropolis", "Élisée" – Revista de Geografia da UEG, "Boletim Goiano de Geografia" e "Ateliê Geográfico", que, por sua vez, contaram com somente 1 artigo em cada periódico científico. Por sua vez, podemos, com o Gráfico 3, evidenciar a concentração de primeira autoria por gênero.

Gráfico 3 – Concentração de primeira autoria por gênero



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

Podemos evidenciar a partir do Gráfico 3 a concentração de gênero nas primeiras autorias dos 23 artigos encontrados no OGB. Dos artigos encontrados, 20 contam com pessoas do gênero feminino como primeira autora. Por sua vez, 3 artigos foram localizados contendo pessoas do gênero masculino nas primeiras autorias. Cabe destacar que, quando analisamos o número de artigos que contam com a participação de pessoas do gênero masculino, desse universo de 23 artigos, 5 tiveram a participação, como coautor, de pessoas do gênero masculino.

As temáticas da produção científica sobre mulheres negras na geografia brasileira

O campo científico é marcado por relações de poder em que mulheres, pessoas não brancas e LGBTQIAP+ são invisibilizadas tanto em suas produções, como também nos estudos que retratam essas pessoas (Silva, 2009a). Como já evidenciado anteriormente, temos uma produção que retrata as mulheres negras em crescente nos últimos anos, mas ainda é um número pequeno em relação à produção científica nacional.

Isso demonstra as relações de poder que interferem na produção de gênero e racial. Por isso, torna-se importante buscar compreender as temáticas abordadas por esse campo, evidenciando os movimentos na produção

9 Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/about>. Acesso em: 14 maio 2025.

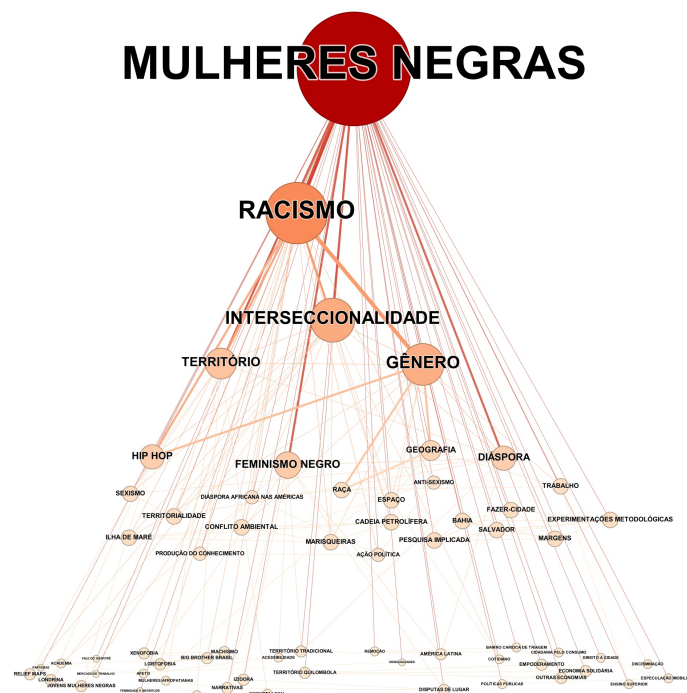
acadêmica de artigos na geografia brasileira. Diante disso, as palavras-chave são importantes indicadores das temáticas e conceitos abordados nas pesquisas acadêmicas, pois, juntamente com o título e o resumo, são os indexadores que localizam os trabalhos no campo científico, além de demonstrarem a intenção das autorias em evidenciar seus trabalhos, como apontado por Pinto (2022).

Considerando os 23 artigos levantados da produção sobre mulheres negras, foram coletadas as palavras-chave desse conjunto e separados para serem analisados a partir da metodologia de análise de redes sociais (ARS) de Edson Silva e Joseli Maria Silva (2016). Essa metodologia consiste em identificar as similaridades, que podem ser organizadas em comunidades a partir de suas junções.

A partir da separação das palavras-chaves dos artigos, foi realizado o processo de limpeza e a junção dos termos com a mesma raiz semântica, por meio do *software OpenRefine*. Esse processo consiste em padronizar palavras que têm um mesmo sentido, mas escritas diferentes, por exemplo, “mulheres negras” e “mulher negra”, adotando-se somente uma forma de escrita. Após o refinamento, com o apoio do *software Gephi*, foram produzidas as redes semânticas e os dados estatísticos.

Após as explorações bimodal e unimodal, a rede foi submetida a uma exploração topológica, representada na Figura 3. Essa visualização consiste em organizar a rede a partir de uma hierarquização a partir da palavra com maior peso na rede, que são as palavras mais utilizadas nesse conjunto de artigos. Os nós representados na rede de forma hierárquica foram coloridos por grau ponderado (nós vermelhos). As métricas da rede, com as principais palavras-chave, podem ser observadas na Tabela 1.

Figura 3 – Grafo de rede topológica de palavras-chave de artigos sobre mulheres negras



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**

Tabela 1 – Métricas do grafo de rede de palavras-chave de artigos sobre mulheres negras

Palavra-chave	Centralidade de grau
Mulheres negras	45
Racismo	20
Interseccionalidade	17
Gênero	13
Território	11
Feminismo negro	10
Diáspora	9
Hip Hop	8
Geografia	6
Espaço	6
Trabalho	6

Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

É possível identificar que temos como principal palavra-chave utilizada nos artigos que retratam o feminismo negro a palavra “mulheres negras”, demarcando a posição de gênero e raça nesse debate na geografia brasileira. Com isso, é perceptível que o ato de demarcar a posição de gênero e raça é uma posição política e de reconhecimento, que foram silenciados na geografia brasileira, como argumenta Cíntia Silva (2022).

As relações de poder, tanto na produção de conhecimento, quanto nas relações na sociedade, são destaques como um dos principais temas abordados que têm relação com o “racismo”, sendo a segunda palavra mais utilizada nesse campo. O racismo, que vem de diferentes esferas, está presente em todas as camadas da sociedade, como afirma Geny Guimarães (2015), produzindo barreiras na produção de conhecimento, sendo somente 1,8% de toda a produção da geografia brasileira sobre as racialidades (Santos, 2022).

Como apontado por Cíntia Silva (2022), é a partir das mulheres negras que temos uma maior diversidade de abordagem, sendo a partir delas que as discussões em torno das relações de poder estão mais presentes. Isso se torna evidente com os artigos coletados, nos quais temos como uma das principais palavras a “interseccionalidade”. Isso representa uma diversidade de análise que tem como central esse conceito, demonstrando a preocupação do “feminismo negro” na geografia em colocar em pauta as intersecções das relações de poder que afetam as mulheres negras, que vai para além das relações de classe que perpassa, principalmente, o gênero e a racialidade.

Por isso, é possível identificar essa preocupação em debater as relações de poder, mas que também tem relação com o território como tema central na discussão. Como argumentado por Geny Guimarães (2015), os estudos sobre as questões raciais foram e ainda são considerados por muitos como militância, não sendo considerados científicos. Dessa forma, a geografia silenciava o debate, bem como negava a produção de diferentes visões sobre a sociedade e o território. Denilson Oliveira (2020) aponta que os conceitos precisam ser questionados para além da visão clássica abordada por eles, mas ganhando novas conotações e representando as diferentes visões.

Com isso, temos como central o conceito de “território”, produzindo

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**

inteligibilidade a novas interpretações vindas de sujeitos que foram negados e negligenciados no debate da geografia brasileira. Também cabe destaque às discussões em torno do conceito de “diáspora”, sendo este um dos principais conceitos abordados. Tal demonstra como a discussão é central e necessária para questionar as relações de poder presentes na sociedade.

Para além disso, é importante destacar a importância do feminismo negro para questionar as metodologias e a forma de produzir conhecimento científico dominante, trazendo para o debate o questionamento das metodologias dominantes e a importância das escolhas metodológicas que evidenciem as pessoas que não detêm prestígio social, o que também é uma luta política de reconhecimento e não apagamento. Para entender melhor as ligações entre as palavras, a Tabela 2 apresenta as principais ligações, ou seja, as palavras-chave que compartilham mais vezes em um mesmo artigo.

Tabela 1 – Métricas do grafo de rede de palavras-chave de artigos sobre mulheres negras

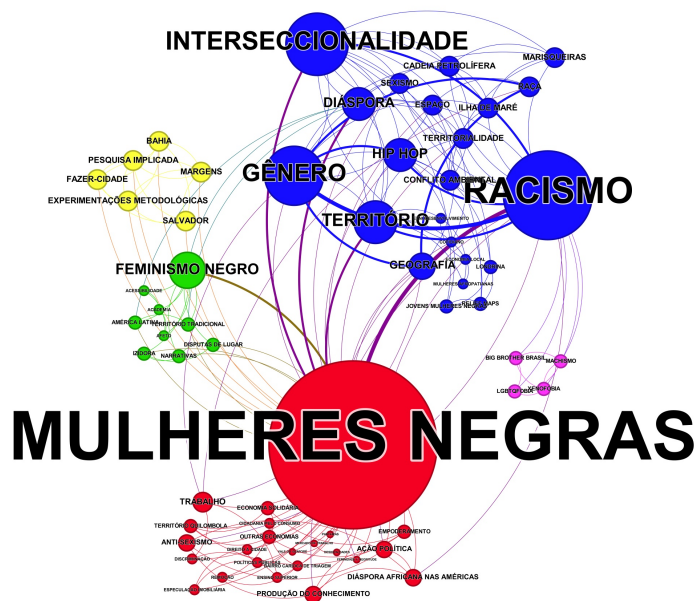
Palavra-chave	Palavra-chave	Peso
Racismo	Gênero	3
Mulheres negras	Racismo	3
Gênero	Raça	2
Gênero	Hip Hop	2
Racismo	Hip Hop	2
Racismo	Território	2
Geografia	Raça	2
Geografia	Gênero	2
Interseccionalidade	Racismo	2
Mulheres negras	Território	2

Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

As arestas da rede (ligações entre as palavras) têm como principal ligação, com maior peso, os termos “racismo” e “gênero”, demonstrando como as relações de poder, gênero e racialidade são importantes na discussão acadêmica, denunciando as relações de poder. A ligação entre “mulheres negras” e “racismo” tem o mesmo peso, estando alinhada com a junção exemplificada anteriormente, sobre como o racismo está presente na produção científica de mulheres negras, que são silenciadas na geografia brasileira, como Cíntia Silva (2022) apontou. As principais ligações demonstradas na Tabela 2 estão relacionadas a essa denúncia das relações de poder, de gênero e as questões raciais, além da importância cultural e a discussão conceitual de território.

Para tentar exemplificar a junção das palavras-chave e o quanto elas compartilham semelhanças, estando presente mais vezes em um mesmo artigo, a Figura 4, apresenta a rede de comunidades. Essa análise modular nos permite evidenciar o conjunto de palavras com maior similaridade. A rede está distribuída pelo *layout Circle Pack Layout* com modularidade 1.0. Os nós estão coloridos conforme a comunidade de palavras-chave, dimensionados por centralidade de grau.

Figura 4 – Grafo de rede modular de palavras-chave de artigos sobre mulheres negras



Fonte: Observatório da Geografia Brasileira, 2024. Organização própria.

Podemos observar, na rede, a presença de cinco comunidades, sendo a maior delas encabeçada pela palavra-chave “mulheres negras” (comunidade em vermelho). Essa comunidade tem algumas especificidades, pois temos a presença das palavras “produção de conhecimento”, “ação política”, “empoderamento” e “anti-sexismo”, que têm relação com a produção científica e a dificuldade de mulheres negras de estar na academia, escrevendo e denunciando as relações de poder que silenciam essas pessoas na ciência brasileira, como já foi apontado por Cíntia Silva (2022).

A segunda maior comunidade, em azul, tem “racismo” como a principal palavra, seguido de “gênero”, “interseccionalidade” e “território”. Essa rede demonstra que as discussões sobre o racismo perpassam as questões de gênero também; por isso a importância de uma análise interseccional. As relações de poder que silenciam determinados sujeitos não são, na maior parte das vezes, somente por um fator: as mulheres negras acabam sendo silenciadas pelas questões raciais, mas também por serem mulheres. Dessa forma, essa comunidade representa esse debate sobre como os feixes de poder estão conectados e atuam para inferiorizar determinadas pessoas na sociedade.

Ainda cabe destacar nessa rede a preocupação em debater o “território”, relacionado pelo debate das questões rurais e, também, por questões culturais, como o hip hop como instrumento de denúncia das relações de poder.

A comunidade em verde, como a terceira maior comunidade, tem como principal palavra o “feminismo negro”, tendo maior relação com “disputas de lugar”, “narrativas”, “academia”, “América Latina” e “afeto”. Essas palavras-chave demonstram que a geografia brasileira produziu apagamento das temáticas raciais e de gênero, representando uma disputa no debate por visibilidade acadêmica e social. Além disso, as pessoas produzem

**Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos**

conhecimento através do afeto, sendo este um fator de extrema importância.

Portanto, podemos observar que a produção científica sobre as mulheres negras está relacionada a uma abertura maior de debates, voltando uma discussão em torno das relações de poder relacionada às intersecções de gênero e racialidade. Isso demonstra que as mulheres negras estão denunciando as relações de poder na sociedade e na produção de conhecimento científico na geografia brasileira. Também cabe destacar a importância da discussão conceitual, principalmente do conceito de território.

Considerações finais

Este artigo evidenciou como ocorreram as abordagens temáticas e conceituais sobre mulheres negras na produção de artigos na geografia brasileira. A geografia brasileira é marcada por relações de poder, que silenciam determinadas temáticas e sujeitos/as na produção científica. Esse movimento de silenciamento é evidente com as abordagens em torno de gênero e sobre as questões raciais, principalmente nas discussões sobre as mulheres negras, sobre a qual temos uma pequena produção de artigos na geografia nacional.

É evidente que a abordagem sobre as mulheres negras tem um crescimento nos últimos anos, demonstrando uma maior abertura para o debate no conhecimento geográfico. Ao todo, foram encontrados 23 artigos; desses, evidenciamos que 20 contam com a primeira autoria de pessoas do gênero feminino e 3 com primeira autoria do gênero masculino. Atrelado a isso, 15 dos 23 artigos não contam com a participação em coautoria de pessoas do gênero masculino, 5 contam com a participação do gênero masculino e 3, como destacado anteriormente, são de primeira autoria por pessoas do gênero masculino.

Em relação às temáticas, temos como central as discussões em torno das relações de poder sobre as questões raciais e de gênero, questionando o silenciamento do debate e as intersecções de poder que invisibilizam as mulheres negras na produção de conhecimento. O conceito de território é central no debate sobre mulheres negras, relacionado às questões agrárias e culturais.

O debate sobre as mulheres negras está voltado, principalmente, para as discussões das relações de poder, questionando o silenciamento do debate na geografia brasileira. Isso demonstra que o fazer ciência tem sido repensado na geografia e que novas produções científicas têm quebrado com a hegemonia acadêmica enraizada no pensamento científico, apontando um caminho de ruptura com as geometrias de poder/saber.

Referências

BARRADAS BARATA, Rita de Cássia. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Revista brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, 2016. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/947>. Acesso em: 29 jun. 2023.

BELL, David. O que foi terá sido: A Geografia a partir do queer. *In*: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2011. p. 201-214.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Editora Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CÉSAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. (2019). **Gênero, trajetórias acadêmicas de mulheres e homens e a centralidade na produção do conhecimento geográfico brasileiro**. 2019. 290 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

CÉSAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; SILVA, Joseli Maria. Geografia brasileira, poder, gênero e prestígio científico. *In*: **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 244-258, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12473>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *In*: **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167. Chicago: Chicago Unbound, 1989.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. *In*: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWENSHAR, Cicilian Luiza; SILVA, Marcia da (Org.) **Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GUEVARA, Luis Antonio Rosas. De la invisibilidad al liderazgo comunitario: las mujeres cortamate del Valle del Patía - DOI 10.5216/ag.v7i2.26259. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 06–26, 2013. DOI: 10.5216/ag.v7i2.26259. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/26259>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio negro de janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras e geografias negras. In: **Revista da ABPN**, v. 12, abr., ed. especial, p. 292-311. Curitiba: UFPR, 2020.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geografias negras no Brasil e a injustiça social. In: GUSMAN, Inês *et al.* (Org.). **América Latina ante los (nuevos) retos de la justicia social y ambiental**. Madrid: Asociación Española de Geografía, 2023. p. 615-635.

LOPES, Renata Batista. **De casa para outras casas**: trajetórias socioespaciais de trabalhadoras domésticas residentes em Aparecida de Goiânia e trabalhadoras em Goiânia. 2008. 211 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MASSEY, Doreen. Power-geometry and a progressive sense of place. In: BIRD, Jon (Org.). **Mapping the futures**: local cultures, global change. London: Routledge, 1993. p. 60-70.

MASSEY, Doreen. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio (Org.). **O espaço da diferença**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 176-185.

MONK, Janice; HANSON, Susan. On not excluding half of the human in human geography. In: **The professional geographer**, v. 34, n. 1, p. 11-23, 1982. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/229527706_On_Not_Excluding_Half_the_Human_in_Human_Geography. Acesso em: 02 fev. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado brasileiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Interseccionalidades**: pioneiras do feminismo negro brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NEPOMUCENO, Bebel. Protagonismo Ignorado. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 382-409.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Corpo, espacialidade e maternagem: trilhas para uma geografia corporificada. In: **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 217-243, 2021. DOI: 10.5418/ra2021.v17i32.12472. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12472>. Acesso em: 15 abr. de 2024.

OLIVEIRA, Denilson Araujo. A questão racial brasileira: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 34,

p. 73-98, set.-nov. 2020.

PINTO, Vagner André Moraes. **Gênero e vivência cotidiana na instituição do espaço da produção científica geográfica paranaense**. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

PINTO, Vagner André Moraes. **Geometrias de poder e espacialidades da produção científica da geografia brasileira de 1998 a 2018**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2022.

RATTS, Alex. Corporeidade e diferença na Geografia Escolar e na Geografia da Escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional. *In: Terra livre*, v. 1, n. 46, p. 114-141, jan./dez. São Paulo: AGB, 2016.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. **Interseccionalidad**: Desigualdades, lugares y emociones. Barcelona: Editorial Bellaterra, 2021.

SANTOS, Adir Fellipe Silva. **Racialidades e a produção de artigos científicos no conhecimento geográfico brasileiro entre 2001 e 2018**. 2022. 160 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da Silva. **Silenciamentos da geografia brasileira: interseccionalidade de gênero e raça na produção de artigos científicos após os anos 2000**. 2022. 179 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da; SOUZA, Lorena Francisco de. Geografia e a perspectiva interseccional de gênero e raça: corporeidade e espaços que produzem o campo científico. *Revista latino-americana de geografia e gênero*, v. 13, n. 1, p. 125-148, 2022.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria Silva. **Ofício, Engenho e Arte**: Inspiração e Técnica na Análise de Dados Qualitativos. *Revista latino-americana de geografia e gênero*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132 – 154, jan./jul. 2016.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *In: Revista de história regional*, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo Geografia: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. *In: SILVA, Joseli Maria. Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009a. p. 25-54.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. In: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009b. p. 55-92.

SILVA, Joseli Maria *et al.* Apresentações das jornadas sobre corpos na Geografia brasileira: trilhas equivocadas, rumos encontrados e nossas perpétuas provocações. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José; JÚNIOR, Alides Baptista Chimin (Org.). **Corpos e geografia: expressões de espaços encarnados**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2023. p. 17-42.

SOUZA, Lorena de. **Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SOUZA, Lorena Francisco de; RATTIS, Alex. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. DOI 10.5216/bgg.v28i1.4907. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 143-156, 2008. DOI: 10.5216/bgg.v28i1.4907. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4907>. Acesso em: 02 jun. 2024.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Rumos e rumores da pós-graduação e da pesquisa em geografia no Brasil. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 3, p. 11-19, 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6603/3603>. Acesso em: 6 abr. 2022.

VELEDA DA SILVA, Susana Maria. Geografías feministas brasileñas: um punto de vista. In: GARCÍA, María Verónica Ibarra; ESCAMILLA-HERRERA, Irma (Org.). **Geografías feministas de diversas latitudes: orígenes, desarrollo y temáticas contemporáneas**. México: UNAM, 2016. p. 71-94.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Adir Fellipe Silva Santos: Conceituação, Análise Formal, Metodologia, Software, Visualização de dados, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

Amanda Ribeiro Bezerra: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Escrita – primeira redação, Escrita – revisão e edição.

Felipe Eduardo Melo dos Santos: Análise Formal, Visualização de dados, Escrita – primeira redação.

Recebido em 01 de dezembro de 2024.

Aceito em 06 de março de 2025.

Adir Fellipe Silva Santos, Amanda Ribeiro Bezerra, Felipe
Eduardo Melo dos Santos

